Crianças e Jovens sem nome
no Velho Testamento

Coleção Anónimos de Deus
Volume III



Clarisse Barros

Ficha Técnica

Título: Crianças e Jovens sem nome no Velho Testamento
Autor: Clarisse Barros
Revisão do texto: Susana Pinho
Projeto gráfico, diagramação e paginação: Bruno Pires - rabiscarte.pt
Ilustrações e capa: Bruno Pires- rabiscarte.pt
Impressão e acabamentos: Europress - Indústria Gráfica
www.europress.pt - geral@europress.pt
Coordenação editorial: Carlos Cunha
Categoria: Biografia, Literatura & Estudos Literários
Depósito legal: 572179/26
ISBN: 978-989-49029-0-4

2026 - Copyright - Edições CLC
Todos os direitos reservados
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrónicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

As versões da Bíblia citadas neste volume são as seguintes:
– Almeida Revista e Atualizada (ARA)
– Almeida Corrigida Fiel (ACF)
– Nova Versão Transformadora (NVT)
– Nova Versão Internacional (NVI)
– O Livro

Av. Emídio Navarro, no 89 | 3000-151 Coimbra, Portugal
Tel: 239833391 www.clcportugal.com
encomendas@clcportugal.com

Dedicatória

Aos meus netos,
aos que já tenho e aos que ainda hão de nascer!
A Jesus, o Filho Perfeito do Pai.

Agradecimentos

Ao Senhor, por me ensinar a escrever, por atender ao meu clamor e súplicas, por me sustentar e encorajar a cada página;

Ao Carlos Cunha, pela coordenação e edição deste volume;

Ao CLC-Coimbra, por publicar este livro;

Ao paginador Bruno Pires, pela criatividade e perseverança na apresentação desta obra;

À Susana Pinho, a minha revisora de texto, pelo seu trabalho incansável, atento, minucioso e excelente;

Ao Dr. Palmeiro Barros, meu marido, pela sua compreensão, paciência e amor;

Aos que oram, incansavelmente, pelo meu ministério de escrita – as vossas orações continuam a fazer toda a diferença! Esta obra é fruto da vossa intercessão;

Aos meus leitores, por fazerem comigo esta caminhada pelas páginas das Escrituras,

A minha maior gratidão!

Clarisse Barros

Prefácio

Num tempo em que a visibilidade parece determinar o valor, esta obra convida-nos a um movimento inverso: olhar para aqueles cujo nome desconhecemos, mas que nunca estiveram fora do olhar de Deus.

Crianças e Jovens sem nome no Velho Testamento, de Clarisse Barros, insere-se na continuidade de uma proposta literária e espiritual profundamente significativa — resgatar das Escrituras personagens anónimas e devolvê-las ao centro da reflexão teológica e pastoral. Neste terceiro volume da coleção *Anónimos de Deus*, a autora conduz-nos com sensibilidade e rigor a um território simultaneamente bíblico e profundamente atual: o universo das crianças e dos jovens cuja identidade não foi registada, mas cuja existência foi marcada pela intervenção divina.

Mais do que uma análise narrativa, este livro é um exercício de escuta — escuta das entrelinhas do texto bíblico, escuta das dores silenciosas da humanidade e escuta do coração de Deus para com os mais pequenos. Ao longo das páginas, encontramos histórias de sofrimento, injustiça, perda e milagre, que ecoam não apenas no passado, mas também nas realidades contemporâneas de tantas crianças esquecidas, marginalizadas ou feridas.

A autora não se limita a relatar episódios bíblicos; ela interpreta-os com empatia pastoral e aplica-os com coragem profética. Há uma intencionalidade clara em estabelecer pontes entre o texto sagrado e o mundo atual, desafiando o leitor a não permanecer indiferente. A denúncia da desumanização, da violência e da negligência contra as crianças surge com firmeza, mas sempre ancorada numa esperança que brota da ação redentora de Deus.

Do ponto de vista editorial, esta obra distingue-se pela sua linguagem acessível, pela riqueza descritiva e pela capacidade de envolver emocional e espiritualmente o leitor. Cada capítulo é estruturado de forma a conjugar narrativa bíblica, reflexão devocional e aplicação prática, tornando o livro prático e enriquecedor tanto para leitura individual como para contextos de ensino, pregação ou estudo bíblico.

Importa sublinhar ainda a relevância temática deste volume. Num mundo marcado por crises humanitárias, conflitos armados e profundas desigualdades sociais, a voz que se levanta em defesa das crianças é não apenas pertinente, mas necessária. Este livro não é apenas uma leitura; é um apelo. Um apelo à consciência, à compaixão e à ação.

Ao dar destaque aos "sem nome", Clarisse Barros recorda-nos uma verdade essencial: para Deus, ninguém é anónimo. Cada criança, cada jovem, cada vida — conhecida ou desconhecida — tem valor eterno, propósito divino e dignidade inegociável.

Que este livro encontre leitores disponíveis não apenas para compreender, mas para responder.

***Carlos Cunha,* Coordenador editorial do CLC Portugal**

Índice

Dedicatória 4
Agradecimentos 5
Introdução 9
Preâmbulo 11

Capítulo I
Crianças que ressuscitaram 13
1. Um menino pobre 13
2. Um menino rico 24

Capítulo II
Crianças usadas como armas de arremesso 39
1. Meninos hebreus no tempo do faraó Ramsés II 39

Capítulo III
Crianças que não respeitaram os outros 55
1. As crianças que desprezaram Jó 55
2. Os rapazes que troçaram de um profeta 62

Capítulo IV
Jovens aprendizes de guerreiros 71
1. O escudeiro do gigante Golias 71
2. O jovem que apanhou as flechas do príncipe 78

Capítulo V
Crianças não planeadas 85
1. O primeiro filho do rei David e de Batseba 85
2. Justiça para uma mãe e um filho 101

Capítulo VI
Muitas crianças na mesma família 109
1. Os filhos de Penina 109
2. Os irmãos e irmãs de Samuel 119

Capítulo VII
Duas meninas muito especiais 129
1. A filha de Jefté 129
2. A prisioneira de guerra 139

Capítulo VIII
Duas jovens equivocadas 147
1. As filhas de Ló 147

Capítulo IX
Mais crianças e jovens sem nome 159
1. As primeiras gerações de crianças 160
2. Os filhos e filhas dos construtores da torre de Babel 161
3. As irmãs de Zípora 164
4. As crianças e jovens hebreus do Êxodo 166
5. As crianças que nasceram no deserto e entraram na terra Prometida 166
6. As crianças que ouviram ler a Palavra de Deus 168
7. As crianças de Nínive 171

Capítulo X
Crianças e jovens criados segundo Provérbios 175

Introdução

Prezado Leitor,

Agradeço-lhe, de coração, por se juntar a mim nesta viagem pelas páginas das Escrituras, novamente. Desta vez, vamos à procura de crianças e jovens "sem nome", isto é, meninos e meninas que a Bíblia menciona, sem que o seu nome nos seja revelado. Na Sua infinita sabedoria, Deus tem segredos e mistérios, entre os quais podemos incluir os "pequenos anónimos".

As crianças estão no coração de Deus, o Criador, no meu e, certamente, também no seu. Elas enchem os nossos dias de alegria e de esperança, de oportunidades e de sonhos, juntamente com trabalhos, canseiras e desafios que nos fazem crescer, enquanto elas crescem! As crianças são bênçãos de valor inestimável que Deus traz à nossa vida!

Neste volume, *Crianças e jovens sem nome no Velho Testamento*, estudaremos alguns aspetos da vida de crianças e adolescentes, que tiveram experiências singulares do poder e do livramento de Deus, como os dois meninos que o Senhor ressuscitou, por intermédio dos profetas, Elias e Eliseu. Outros experimentaram a Sua justiça e disciplina. Outros ainda, sofreram atrocidades e abusos, tal como continua a acontecer em pleno século XXI, por mais inacreditável que nos possa parecer! A crueldade humana não tem vindo a diminuir. A compaixão, da parte de muitos, pelos pequeninos que sofrem – as vítimas maiores de todas as guerras – coexiste no mesmo espaço que é ocupado pela maldade em estado puro. Isto não pode ser esquecido nem relevado para segundo plano.

Cabe-me referir aqui a multidão, quase incontável, de crianças e adolescentes que, quer o seu nome esteja registado em algum lugar, quer não, estão entretecidos nos anais da história de qualquer nação, desde os tempos bíblicos do passado, até aos nossos dias. Entre eles, gostaria de lembrar os que têm sido vítimas do egoísmo, da maldade e da depravação de muitos

adultos. O mundo está cheio de meninos e meninas que sofrem negligência, abandono, desconsideração, atos de guerra e maus tratos, que são consequências diretas de uma sociedade global doentia.

São tantas as crianças com pouco ou nenhum acesso à educação livre de barreiras claustrofóbicas e deformadoras, e ao conhecimento devidamente orientado! São tantas as crianças e os adolescentes a quem é ensinada a arte da guerra, em vez do caminho da paz! São tantos os que são obrigados a segurar em armas, em vez de segurarem lápis e canetas, pincéis, papel, telas, livros, instrumentos musicais, brinquedos instrutivos – geradores de criatividade, desafiadores dos vários tipos de inteligência – ou aparelhos de desporto acessíveis, como uma simples bola.

São tantos os deslocados, desenraizados, feridos, traumatizados, mutilados no corpo e na alma, nestes dias sombrios de *"guerras e rumores de guerras",* conforme lemos em Mateus 24:6! São tantos os meninos a quem a infância foi roubada e está a ser roubada neste momento! Não podemos conformar-nos com o caos em que o mundo se vai afundando cada vez mais, século após século. Não podemos aceitar como "normal" a desumanização da sociedade em prol do lucro de das supostas "conquistas" de alguns. Não podemos desviar o olhar e fingir que não vemos, nem sabemos que existe uma minoria impiedosa, com uma agenda diabólica e maquiavélica, que deseja governar as mentes, formatar os comportamentos e aniquilar a sensibilidade, a nobreza e a apetência por Deus, que existe no coração de todas as crianças!

É urgente fazermos ouvir a nossa voz *"para defender os que não podem falar e os desventurados".* (Provérbios 31:8, BPT).

A minha oração é para que o conteúdo deste livro abra os horizontes a todos os leitores para uma maior compreensão do que cada um pode fazer, tanto pelas crianças que o cercam, como pelas de mais longe. Todas, sem exceção, precisam de um abraço!

Nota:

As versões da Bíblia citadas neste volume são as seguintes:

- A Bíblia Para Todos (BPT), Edição Comum, Sociedade Bíblica de Portugal
- Almeida Revista e Atualizada (ARA)
- Almeida Corrigida Fiel (ACF)
- Nova Versão Transformadora (NVT)
- Nova Versão Internacional (NVI)

Clarisse Barros

Preâmbulo

Para refletir, antes de começar, partilho com o leitor o poema que se segue. Convido-o a lê-lo como se o ouvisse pela voz de uma criança.

Chamo-me Criança

Sou pequeno... Chamo-me Criança.
Para alguns tenho muito valor,
Envolvem-me em cuidados e amor,
Adormeço e acordo num mundo de confiança!
E quando há algo diferente, uma mudança,
O mesmo abraço forte, consolador,
Vem e diz: "Vai ficar tudo bem, descansa!"

Sou pequeno... Chamo-me Criança.
Para alguns sou como o pó de uma balança,
Que não afeta o peso das grandes decisões!
Sou um grito ténue nas multidões,
Um raio de sol banal, numa breve dança...
Não importa o que sinto ou o que penso,
Ninguém me ouve ou vê no mundo imenso...

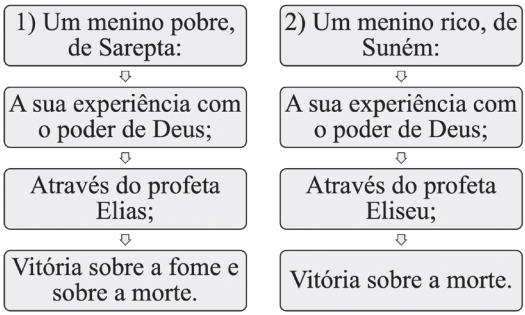


Sou pequeno... Chamo-me Criança.
Compreendo que tenho muito que aprender,
Mas há coisas que sei só por viver!
Sei que podia haver sempre paz na terra,
Mas há guerra entre povos e nações,
Esquecidos de que esta é a nossa casa,
Abrigo de milhões contra o mal que nos abrasa.

Sou pequeno... Chamo-me Criança.
Só Deus sabe o que virá e o que há de ser...
Descanso no facto de saber
Que o meu nascimento não foi acidental!
Creio no Seu plano para mim
E, assim, encontro Nele o amor incondicional!



Capítulo 1
Crianças que ressuscitaram



1. Um menino pobre

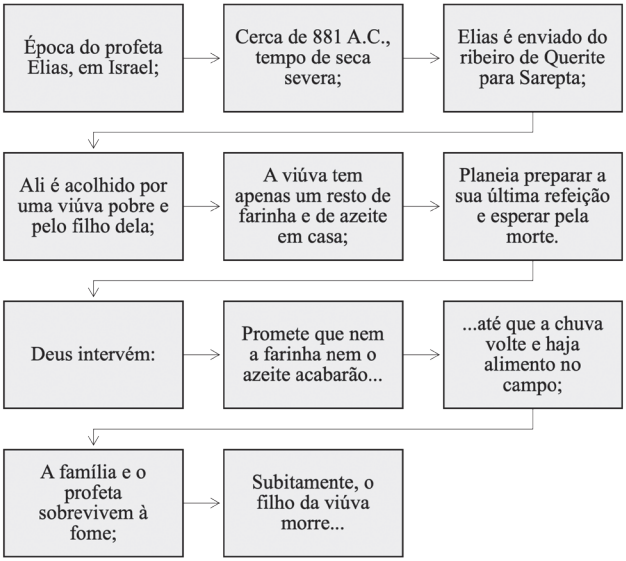
abençoado com pão e vida de forma inesperada

O menino sem nome, que conheceremos neste capítulo, poderia fazer das palavras do Salmo 118:17 a sua proclamação pessoal:

"Não morrerei; antes, viverei e contarei as obras do Senhor."

Todas as palavras têm algum poder quando são ditas em voz alta, mas há poder na Palavra de Deus proclamada com fé. Partilharei com o leitor algumas dessas palavras.

Dados históricos:



Narrativa Bíblica (1ª parte):

"Então o Senhor disse a Elias: 'Vai para a cidade de Sarepta, perto de Sídon, e fixa-te aí. Já dei ordens a uma viúva de lá, para te dar de comer.'

Elias pôs-se então ao caminho em direção a Sarepta. Ao chegar às portas da cidade, viu uma viúva que apanhava lenha. Chamou-a e disse-lhe: 'Por favor, traz-me um pouco de água para beber.'

Ela ia buscá-la, mas ele chamou-a e disse: 'Traz-me também um bocado de pão.'

Mas ela respondeu: 'Juro-te pelo Senhor, teu Deus, que não tenho pão cozido; tenho apenas um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa almotolia. Vim aqui apanhar dois cavacos para levar para casa e preparar o pouco que tenho para o meu filho e para mim. Será a nossa última refeição; depois morreremos de fome.'

Mas Elias respondeu-lhe: 'Não tenhas medo! Vai lá fazer o que disseste; mas, primeiro faz um pãozinho e traz-mo; depois preparas o resto para ti e para o teu filho. Porque o Senhor, Deus de Israel, declara o seguinte: "Não se acabará a farinha na panela, nem o azeite na almotolia, até ao dia em que eu, o Senhor, enviar chuva a este país." (1 Reis 17:8-14, BPT)

Um homem com uma missão

Elias é um nome incontornável entre os grandes profetas mencionados na Palavra de Deus. Ele distinguia-se dos demais homens do seu tempo: o porte revelava a seriedade da sua missão; era frontal e destemido; vivia na constante dependência de Deus; era obediente às ordens do Senhor; a mensagem que transmitia era incisiva, explícita, cortante como uma espada, e ele levava-a onde quer que Deus o mandasse; não tinha casa própria, ia para onde fosse enviado; andava, geralmente, sozinho e vestia-se *"com uma capa de pelo e com um cinto de couro na cintura."* (2 Reis 1:8).

Sabe, prezado leitor, há lugares onde precisamos de ir sozinhos e ficar sozinhos durante algum tempo. Se tivéssemos seguido na peugada de Elias, o grande profeta de Deus, tê-lo-íamos visto parar junto a uma corrente de águas, no deserto da Judeia, o ribeiro de Querit (*). Os dias iam passando e ele continuava ali, onde Deus o tinha colocado.

Repare como o ribeiro vai secando... Onde antes se ouvia o murmúrio da água a correr, agora há apenas um tímido fio do precioso líquido, que continua a diminuir todos os dias, mas ainda brilha ao sol daquela região.

.....

(*) Querit significa, em hebraico, "cortar, colocar no tamanho certo". Ali, o caráter do profeta seria moldado, cortado, talhado no tamanho certo para a missão que o aguardava mais adiante.

.....

Um homem sozinho, Elias, o profeta de Deus, esteve acampado nas margens do ribeiro durante algum tempo... Se tivéssemos estado lá, podíamos tê-lo visto de joelhos em oração, muitas vezes. Na verdade, ele mantinha um diálogo interior constante com o Senhor, o seu Deus – o Criador de tudo ao seu redor, Aquele que tinha feito a água de Querit correr durante muitos dias, até desaparecer completamente por entre os seixos secos do leito. Sim, Deus, o Todo-Poderoso, tinha realizado feitos extraordinários por aquele homem: tinha guardado aquela água para o Seu servo, mantendo-a viva e saltitante, correndo naquele lugar, numa cadência apaziguadora, quando o país entrava numa seca severa, cada vez mais profunda; tinha orientado os corvos da região até ao ribeiro, onde pousavam, sobre alguma

pedra, o pão e a carne que traziam no bico, para se abeirarem do ribeiro e matarem a sede. Isto acontecia pela manhã e ao fim da tarde. Saciados, fortalecidos pela água fresca, os corvos levantavam voo, esquecidos dos alimentos que ficavam para trás, para sustento de Elias, o servo do Senhor.

Ordem de marcha

Às vezes Deus mantém-nos por algum tempo (ou por muito tempo) no mesmo lugar. A dado momento, mesmo sem percebermos todos os detalhes, Ele dá-nos indicações claras de que chegou a hora de tomarmos um outro rumo. No calendário divino é tempo de mudança.

Mudar pode ser um grande desafio. Obedecer a Deus não nos isenta dessa realidade.

Quando o ribeiro de Querit secou completamente, Deus tinha uma nova ordem de marcha para o profeta: devia dirigir-se para Sarepta (*), aceitar humildemente o socorro de uma viúva, uma mulher pobre entre as mais pobres, que não tinha recursos financeiros, nem despensa, nem celeiro com reservas de cereal, nem nada, a não ser um resto de farinha, um resto de azeite e um filho pequeno...

.....

(*) Sarepta significa, em hebraico, "lugar de fundição", "fundir", "refinar" e "cadinho". O nome está relacionado com a atividade de fundição de metais existente no local. Ali, em Sarepta, a fé de Elias seria refinada por uma prova de fogo. A mulher viúva, pela mesma prova, compreenderia que os ídolos adorados na sua terra (principalmente, Baal) não tinham valor nem poder, e que o Deus que Elias anunciava era o único Deus, o Todo-Poderoso, o Senhor da vida e da morte.

O lugar arqueológico identificado como Sarepta localiza-se atualmente no Líbano, a 22,5 km ao norte de Tiro, e a 13 km ao sul de Sidom (segundo a Bíblia de Estudo Arqueológica, da editora Vida).

.....

Na cultura daqueles dias, naquela região, ser sustentado por uma mulher era impróprio, inadequado e humilhante! Mas, se a mulher em causa

fosse uma viúva, a humilhação crescia exponencialmente e gerava como frutos a vergonha, a acusação, a suspeita e a crítica mordaz. Se, ainda para além disso, a mulher fosse pagã, adoradora dos ídolos da sua terra, uma questão básica podia ser levantada: o que faz o profeta de Deus naquele lugar e por que motivo vai àquela casa? Os caminhos de Deus têm etapas misteriosas, sem dúvida...

Ali estava um grande homem na estrada poeirenta em direção a Sarepta, dando cada passo em obediência às ordens de Deus... Mas quem acreditaria nas suas palavras e as aceitaria?... A menos que o Senhor fizesse algo extraordinário, sobrenatural, que ele pudesse apresentar como uma espécie de credencial da sua missão... Deus seguia os passos de Elias, os Seus olhos estavam sobre ele e os Seus ouvidos estavam atentos ao clamor silencioso do seu coração, a todas as suas interrogações e expectativas. *"Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor." (Salmos 34:15)*

Sarepta, outrora um centro comercial próspero, com um porto de mar que permitia a exportação de azeite, vinho, tecidos, púrpura, cerâmica, vidro e metais, tinha sido atingida pela seca severa da região e estava empobrecida. À entrada da cidade, Elias viu uma mulher com trajes de viúva, curvada a apanhar alguma lenha. Era com ela que tinha de falar. Teria de lhe pedir água, mesmo conhecendo perfeitamente a escassez grave em que a população vivia. Depois teria de ir mais longe, ser mais ousado, e pedir-lhe pão... O pão que ela não tinha...

A resposta da mulher foi como um gemido de dor e desespero:

'Juro-te pelo Senhor, teu Deus, que não tenho pão cozido; tenho apenas um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa almotolia. Vim aqui apanhar dois cavacos para levar para casa e preparar o pouco que tenho para o meu filho e para mim. Será a nossa última refeição; depois morreremos de fome.'

Ela percebeu que aquele homem era de Israel e que, como tal, era certamente um adorador do Deus de Israel. Em poucas palavras contou-lhe a sua história. Elias, também em poucas palavras, revolucionou a sua mente e devolveu-lhe a esperança de sobrevivência:

'Não tenhas medo! Vai lá fazer o que disseste; mas, primeiro faz um pãozinho e traz-mo; depois preparas o resto para ti e para o teu filho. Porque o Senhor, Deus de Israel, declara o seguinte: "Não se acabará a farinha na panela, nem o azeite na almotolia, até ao dia em que eu, o Senhor, enviar chuva a este país."

O olhar de uma criança

O menino tinha percebido a tristeza e o desalento nos olhos da mãe e nos seus ombros curvados. Tinha reparado na sua preocupação, no seu suspiro involuntário, de cada vez que ia à panela tirar mais um pouco de farinha para amassar a porção diária de pão para os dois. E com que cuidado ela ia à botija buscar um magro fio de azeite, no qual molhariam o pão... E isso era tudo o que seria colocado sobre a mesa...

A mãe não lhe contava em detalhe o que estava a acontecer, mas ele lia as expressões do seu rosto, escutava os silêncios e os suspiros dela. Ele sabia. Sabia que não havia em casa mais nenhum recipiente com farinha, nem qualquer outra almotolia com azeite.

As crianças com quem costumava brincar já não corriam lá fora, já não o chamavam como antigamente. As vozes alegres como o chilreio dos passarinhos tinham dado lugar a um silêncio pesado e quente, só interrompido pelo choro de alguém ou pelo canto dos corvos e das aves de rapina, que ficam por perto quando a morte está próxima.

Ele viu a mãe sair de casa para apanhar alguma lenha. Voltaria em breve, acenderia o fogo, faria o pão, comeriam juntos... pela última vez.

Mas, então, a silhueta de um homem vestido de forma estranha desenhou-se ao longe, no seu campo de visão. Os passos dele eram firmes e iam avançando em direção à mãe, que apanhava gravetos. O homem parou junto dela e disse-lhe alguma coisa que o menino não conseguiu ouvir bem. O diálogo durou pouco tempo, mas logo a seguir a mãe dirigiu-se a casa com determinação! Devia haver alguma notícia boa e ele queria saber qual era:

- Mãe, quem é aquele homem?

- Não sei bem, mas acho que é um profeta do Deus de Israel... – respondeu a mãe.

- O que é que ele quer? – perguntou o menino.

- Pediu-me água e logo a seguir pediu-me pão. – disse a mãe.

- Temos pão para dar a um estranho? – perguntou o menino cheio de curiosidade.

- Não, filho, não temos... Mas ele diz que a nossa farinha e o nosso azeite não acabarão, segundo a palavra do Deus dele... Vamos ver se é verdade! De qualquer maneira acabaríamos por morrer de fome... – terá sido a resposta possível da mãe, deixando escapar os sentimentos através das palavras.

Com um ânimo novo, a mulher amassou pão, cozeu-o e levou-o ao profeta Elias, perante o olhar atento e perscrutador do menino. Depois voltou para dentro de casa, abriu a panela e... Havia farinha de novo! E foi à botija e havia azeite de novo! Não muito, mas o suficiente! Fez mais pão e, pela primeira vez em muitos dias, comeram os dois sem pressa, sem medo, contentes e com esperança: amanhã teremos mais pão! O menino observava cada gesto do profeta. O tempo ia passando. Sentia-se mais forte e até já tinha vontade de brincar lá fora! Qualquer dia a chuva voltaria para regar os campos, a mãe voltaria a cultivar a terra, ele iria ajudar, os legumes e as frutas cresceriam de novo e a vida seria quase como antes, no tempo do pai, antes da seca e da fome.

Elias percebeu por que motivo tinha sido enviado para aquela terra e para aquela casa: para que uma mulher viúva e o seu filho pequeno não morressem de fome. Deus demonstrava assim a Sua misericórdia, até mesmo para com pessoas que não O conheciam, mas que Ele amava como Suas criaturas. Estava tudo bem, aparentemente.

Narrativa Bíblica (2ª parte):

A viúva foi fazer como Elias lhe tinha dito e tanto ela e o filho como o profeta tiveram o necessário para comer por muito tempo.

A farinha não se acabou na panela, nem o azeite na almotolia, tal como o Senhor tinha dito por meio de Elias.

Algum tempo depois, adoeceu o filho da viúva e a doença agravou-se tanto que ele acabou por morrer.

A mãe disse então a Elias: "Que te fiz eu, profeta de Deus? Vieste à minha casa para me lembrares os meus pecados e para matares o meu filho?"

Elias respondeu-lhe: "Dá-me cá o teu filho!" Tirou-lhe o filho dos braços, levou-o para o seu quarto, no andar de cima, e deitou-o na sua cama.

Depois orou ao Senhor em voz alta: "Senhor, meu Deus, esta viúva acolheu-me em sua casa. Queres torná-la realmente infeliz matando-lhe o filho?"

Em seguida estendeu-se três vezes sobre o menino e orou de novo ao Senhor: "Senhor, meu Deus, suplico-te que restituas a vida a esta criança!"

O Senhor atendeu a oração de Elias; restituiu a vida à criança, e esta começou a respirar.

Elias pegou na criança, levou-a para baixo, entregou-a à sua mãe e disse:

"Olha! O teu filho está vivo!"

E a mulher respondeu: "Agora reconheço que és um profeta e que aquilo que tu dizes em nome do Senhor é verdadeiro."

(1 Reis 17:15-24, BPT)

Quando o inesperado acontece

As crianças adoecem. As mãos das mães são um termómetro confiável. As mãos desta mãe detetaram febre. O menino estava cansado, prostrado, sem brilho nos olhos, sem vontade de comer... Ele estava doente. A mãe sentia. A mãe sabia. O profeta viu.

Durante o tempo em que Elias conviveu com aquela família (a Bíblia diz que foi "muito tempo" ou "muitos dias"), é bastante provável que se tenha afeiçoado ao menino. As crianças têm a sua forma peculiar de conquistar o nosso coração. Ficamos cativos dos pequeninos facilmente e desejamos que todo o bem do mundo lhes aconteça, que todas as bênçãos de Deus caiam sobre eles, que nenhuma espécie de mal consiga tocar a sua vida em momento algum! Desejamos que cresçam fortes, saudáveis e felizes, que se tornem homens e mulheres de bem, que conheçam o máximo possível acerca de Deus e que saibam que têm um Pai no céu, que os ama incondicionalmente.

No entanto, a humanidade lida com a morte de pessoas de todas as idades, diariamente. Não gostamos de refletir muito sobre o assunto. Não gostamos de ser lembrados dos factos nem das estatísticas, embora saibamos que são tão reais como a própria vida.

A doença bateu à porta desta casa e entrou sem ser convidada. A mãe vigiou o menino de dia e de noite, todos os dias e todas as noites. Os seus olhos exaustos não conseguiam fechar-se, enquanto o seu menino ia enfraquecendo. Estava atenta a cada som, por menor que fosse, a cada pequeno movimento. Estava ao seu lado para o servir. Ansiava pela hora de o ver acordar feliz, com vontade de se levantar, comer, correr, falar muito, rir – como todas as crianças saudáveis e felizes, mas isso não aconteceu...

A morte acabou por vir bater à porta daquela mãe pela segunda vez em poucos anos e também entrou sem ser desejada: primeiro perdeu o ma-